

## Eleição e Predestinação: um diálogo com João Calvino

EVA MICHEL  
Pastora  
Igreja Presbiteriana de Portugal

---

### *Introdução*

---

Entre os estudantes de Teologia do meu tempo corria um dito espiritual de origem incerta. “Deus”, dizíamos, “sabe tudo – Karl Barth sabe tudo melhor.”

Este teólogo protestante produzira, na primeira metade do século XX, uma dogmática em inúmeros volumes, monumento incontornável para os teólogos da minha geração. Fascínio para uns, tortura para os outros, conforme os respectivos gostos.

Quero advertir que eu **não** sei tudo sobre Calvino e que **não** me considero (nem sou!) perita em matéria da doutrina da predestinação, muito pelo contrário. Não estou aqui, nem para a defender, nem para a refutar. Se aceitei o convite para participar nesta mesa redonda, foi pelo simples motivo de me parecer um desafio interessante e que talvez valesse a pena abordar esta temática numa perspectiva pastoral, i.e., na perspectiva de uma pastora que trabalha numa comunidade cristã protestante, no século XXI, aqui em Lisboa.

Pelo que optei por partilhar, da forma mais abreviada possível, algumas considerações à volta de quatro questões:

1. O que é que Calvino afirma, de facto, sobre a eleição e a predestinação? (o conteúdo da doutrina)
2. O que terá motivado Calvino a formular esta doutrina? Em que contexto é que a desenvolveu? Qual a interrogação, a preocupação a que procura responder? (o contexto da doutrina)
3. As limitações perigosas, os riscos da doutrina da dupla predestinação (o lado sombrio da doutrina)
4. Como exprimir, hoje, a intenção desta doutrina? (a questão da actualidade).



EVA MICHEL – Eleição e Predestinação: um diálogo com João Calvino

## *Eleição e predestinação na Bíblia*

Antes de abordarmos estes quatro aspectos, convém esclarecer: a eleição, a predestinação não é uma invenção de Calvino e dos calvinistas / das igrejas reformadas!

Pelo contrário, este conceito é, pelo menos, tão antigo como a própria Bíblia. Deus elege o povo de Israel, lemos no Antigo Testamento, ele apaixonou-se por ele (Dtn. 7,7s) e chama-o para uma missão, para uma tarefa específica: o povo eleito dará testemunho e será instrumento de Deus neste mundo. Eleição, no Antigo Testamento, significa tarefa, não é privilégio.

O Novo Testamento parte desta concepção e acrescenta-lhe uma nova faceta relacionando a eleição com o julgamento final e a vida eterna.

Consideremos, brevemente, duas passagens chaves para a nossa temática.

### *a) Efésios 1, 3-10*

*Bendito seja o Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que nos altos céus nos abençoou com toda a espécie de bênçãos espirituais em Cristo. Foi assim que Ele nos escolheu em Cristo antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis na sua presença, no amor.*

*Predestinou-nos para sermos adoptados como seus filhos por meio de Jesus Cristo, de acordo com o beneplácito da sua vontade, para que seja prestado louvor à glória da sua graça, que gratuitamente derramou sobre nós, no seu Filho bem amado. É em Cristo, pelo seu sangue, que temos a redenção, o perdão dos pecados, em virtude da riqueza da sua graça que Ele abundantemente derramou sobre nós, com toda a sabedoria e inteligência.*

*Manifestou-nos o mistério da sua vontade, e o plano generoso que tinha estabelecido, para conduzir os tempos à sua plenitude: submeter tudo a Cristo, reunindo nele o que há no céu e na terra.<sup>1</sup>*

Também aqui, a eleição implica um propósito, uma missão: “Escolheu-nos... **para** sermos santos e irrepreensíveis na sua presença, no amor” (v. 4) e ...“**para** que seja prestado louvor à glória da sua graça que gratuitamente derramou sobre nós” (v. 6).

O autor da carta afirma, além disso, que esta eleição aconteceu já

<sup>1</sup> Citações bíblicas na tradução da Nova Bíblia dos Capuchinhos (Difusora Bíblica, Lisboa/Fátima, 1998).



“antes da fundação do mundo”. Ou seja: a eleição não tem a sua base em qualquer acto, atitude, acção do homem, mas única e exclusivamente em Deus e na sua graça. Este é o aspecto fundamental, a chave de qualquer doutrina de eleição e / ou predestinação que se queira afirmar bíblica ou cristã.

*b) Romanos 8, 18-39*

Contudo, na Bíblia não se trata de uma afirmação abstracta, de uma teoria “pura”, assunto de doutos debates académicos; esta doutrina surge e desenvolve-se num determinado contexto. E este contexto não pode ser ignorado se queremos realmente perceber o alcance e a intenção deste ensinamento, seja na Bíblia, seja, mais tarde, em Calvino.

Consideremos, por isso, e antes de nos virarmos para Calvino, uma segunda passagem do Novo Testamento, na carta de Paulo aos Romanos (8, 18-39):

*Estou convencido de que os sofrimentos do tempo presente não têm comparação com a glória que há-de revelar-se em nós. (...) Bem sabemos como toda a criação geme e sofre as dores de parto até ao presente. Não só ela. Também nós, que possuímos as primícias do Espírito, nós próprios gememos no nosso íntimo (...) É assim que também o Espírito vem em auxílio da nossa fraqueza, pois não sabemos o que havemos de pedir, para rezarmos como deve ser; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis. (...) Sabemos que tudo contribui para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados, de acordo com o seu desígnio. Porque àqueles que Ele de antemão conheceu, também os predestinou para serem uma imagem idêntica à do seu Filho, de tal modo que Ele é o primogénito de muitos irmãos. E àqueles que predestinou, também os chamou, e àqueles que chamou, também os justificou; e àqueles que justificou, também os glorificou. Que mais havemos de dizer? Se Deus está por nós, quem pode estar contra nós? (...) Quem poderá separar-nos do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada? (...) Nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem o presente nem o futuro, nem as potestades, nem a altura, nem o abismo, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus que está em Cristo Jesus, Senhor nosso.*

“Os sofrimentos do tempo presente” (v. 18) – eis o ponto de partida. Um sofrimento que faz com que a humanidade (e também toda a natureza) gema no seu íntimo, num grito de dor mudo... como o representou de forma inalcançável o pintor norueguês Edvard Munch.



EVA MICHEL – Eleição e Predestinação: um diálogo com João Calvino

Conhecemos situações destas, na vida, na nossa e na dos outros, em que as palavras nos abandonam, em que não sabemos o que dizer, nem o que orar. Também os cristãos passam por esta realidade. Fomos salvos, mas “na esperança” (v. 24), diz Paulo. A fé não é uma garantia para uma vida sem problemas, sem dor.

Donde “arranjar” esperança? De onde a convicção de que não sou abandonada, que não está tudo sem sentido? É para responder a estas perguntas que Paulo fala da eleição e da predestinação: “Eles que (Deus) antemão conheceu, também os predestinou... os que predestinou, também os chamou...” (v. 30).

Desde o início fomos eleitos, insiste Paulo, numa eleição que depende exclusivamente da decisão de Deus: é por isso que nem as maiores adversidades terão poder para alguma vez colocar em questão esta decisão divina.

É este o contexto do argumento desenvolvido por Paulo: ele fala da predestinação para animar, para consolar os cristãos que sofrem.

---

### Calvino

---

Ao longo dos séculos, esta ideia vai ser desenvolvida. Encontramo-la em Agostinho (séc. IV), na Idade Média, em M. Lutero, entre muitos outros. Em alguns deles com maior ênfase, com maior insistência, outros dedicam-lhe menos atenção.

Algures ao longo do caminho, surge a questão: se há homens e mulheres predestinados para a salvação, eleitos desde os tempos primordiais, há-de haver outros predestinados para a perdição. De certa maneira, é uma questão de raciocínio lógico...

E eis que alguns teólogos encontram, para resolver este “dilema” (que nem todos consideram um dilema), a ideia da “dupla predestinação”. Nas palavras de Calvino, o assunto lê-se assim:

*“Chamamos predestinação ao eterno decreto de Deus pelo qual determinou o que quer fazer de cada um. Pois Ele não nos cria todos com a mesma condição, mas ordenou uns para a vida eterna e outros para a condenação perpétua. Por isso, de acordo com o fim para que um homem é criado, dizemos que é predestinado para a vida ou para a morte.” (Institutio III, 21.5)*

Por outras palavras: Deus destina alguns, sem motivo evidente, à salvação e outros à perdição. O que constitui uma afronta para o nosso sentido (moderno) de justiça. Para não falar do facto de que esta con-



clusão parece contradizer, diametralmente, a pregação e a vida de Jesus que, de acordo com os evangelhos do Novo Testamento, nunca limitou o seu convite a apenas alguns.

Não admira, pois, a pouca popularidade desta doutrina nos nossos dias, entre os cristãos em geral e mesmo entre os cristãos da tradição reformada/calvinista. Para mais que ela não parece ajudar a resolver as grandes questões dos homens e das mulheres de hoje: como encontrar uma vida que faz sentido? Como encontrar força, face às grandes crises pessoais ou mundiais (crise ecológica, económica, fome, etc.)?

Um assunto complexo! O próprio Calvino admite tratar-se de “um labirinto difícil em que é fácil perder-se”.

Para não nos perdermos num labirinto sem saída, julgo essencial ter em conta três considerações:<sup>2</sup>

- a) A doutrina da predestinação destina-se aos cristãos, os seja, aos “eleitos” – não se trata de uma teoria abstracta, objectiva, fria, destinada a debates filosóficos, numa perspectiva de meros espectadores.
  - b) Não pretende assustar, mas sim, consolar. Consolar e encorajar aqueles que já não têm palavras para orar. Consolar e encorajar os que sofrem. Calvino elabora a sua reflexão teológica, em primeiro lugar, para cristãos perseguidos, presos, torturados e mortos pela sua fé protestante, para refugiados, seja na cidade de Genebra, seja (através de incontáveis cartas) pela Europa fora. Cristãos que sofriam e que se interrogavam: se, na tortura, denunciar o meu irmão, se, no meio da dor, trair Cristo, será que perco a salvação? E, também: onde está Deus se nós, que nele confiamos, sofremos tanto? São estes cristãos que Calvino encoraja: desde os tempos primordiais, Deus decidiu: tu és escolhido. A tua salvação, portanto, não se pode perder. Pois não depende, de modo algum, daquilo que consigas fazer, da tua acção, do teu testemunho, da tua fé, mas apenas de Deus. E Deus não te abandona, nem nunca te abandonará – ele escolheu-te e ele é-te fiel.
- Por outras palavras: a soberania e a graça de Deus são infinitamente mais fortes do que a tua capacidade de resistir (ou a falta dela), mais forte também do que o poder de qualquer perseguidor. É esta a mensagem que o **pastor** e teólogo Calvino quer transmitir aos seus irmãos na fé – não uma especulação teórica e abstracta

<sup>2</sup> Cf. Neuhaus, D., A doutrina da predestinação. Pregação baseada em Ro 8, 26-39 (em alemão). <http://www.reformiert-info.de/4090-0-0-20.htm>



EVA MICHEL – Eleição e Predestinação: um diálogo com João Calvino

sobre quem, no dia do julgamento, ficará “dentro” ou “fora”. Se Deus é por nós – quem nos poderá abalar? Esta convicção constitui o núcleo da doutrina da predestinação, tudo gira em volta dela.

- c) O grande objectivo desta doutrina, segundo Calvino, não é, portanto, percebermos melhor a sabedoria de Deus, mas sim, que o **adoremos**, pois só e exclusivamente a Ele se deve toda a honra e glória.

---

*As limitações perigosas ou: o lado sombrio da doutrina da “dupla predestinação”<sup>3</sup>*

---

1. A Calvino seguiram-se gerações de teólogos reformados, encantados com o ensino de Calvino sobretudo pelo facto de este destacar tão claramente a soberania absoluta de Deus. Tanto gostaram da ideia da (dupla) predestinação que dela fizeram o ponto de partida de toda a sua reflexão teológica. Com o resultado de aquilo que, em Calvino, surgia como doutrina motivada por considerações bíblico-pastorais, acabar por transformar-se, cada vez mais, em especulação metafísica, considerada elemento característico e essencial das igrejas reformadas (cf. Sínodo de Dordrecht, 1618-19).

Calvino, pelo contrário, ressaltava que não há maneira de sabermos quem pertence, de facto, ao grupo dos eleitos e quem aos rejeitados. E, quase como para se contradizer a si próprio, insistiu no *iudicium charitatis*, numa “juízo da caridade” e sublinha que a vontade de Deus é a salvação de todos, não a sua perdição.

A Confessio Helvética Posterior (de 1566), um dos documentos mais importantes das igrejas reformadas, formula: “apesar de apenas Deus saber quem são os Seus e apesar de se referir, em algumas passagens (bíblicas), o número reduzido dos eleitos, é necessário esperar o melhor para todos e não é admissível contar antecipadamente qualquer pessoa entre os rejeitados.” (cap. X). Por outras palavras: nunca se pode isolar a afirmação da soberania de Deus, ideia tão cara para Calvino e os calvinistas, da sua revelação salvífica em Jesus Cristo.

<sup>3</sup> Denker, J., Predestinação dupla: consolação para os perseguidos ou teologia cínica? Uma conferência na igreja de Ronsdorf, 24.03.2009 (em alemão). <http://joomla.reformiert.ronsdorf.de/texte/DoppeltePraedestination.pdf>



2. Igualmente inadmissível é isolar a doutrina da eleição e da predestinação do seu contexto, ou seja, da sua intenção pastoral de encorajar e animar cristãos perseguidos.

No momento em que esta mesma doutrina se encontra na boca de um grupo dominante que a usa para legitimar o seu poder e inclusive a opressão dos outros, ela torna-se cínica. O caso provavelmente mais grave e mais escandaloso deste abuso situou-se na África do Sul, no tempo do Apartheid, quando muitos dos cristãos “bóeres” afirmavam a sua superioridade sobre os negros e justificavam a opressão dos mesmos precisamente com a sua suposta “eleição” como “raça superior”.

Felizmente, esse abuso pertence, hoje, ao passado; porém, não podemos esquecer esta gritante injustiça e o sofrimento que causou. Que este exemplo sirva de alerta para o perigo que existe, sempre que uma doutrina ou reflexão teológica é considerada isolada do contexto em que e da intenção com que surgiu!

3. Finalmente, uma palavra sobre o destino dos rejeitados e, portanto, sobre o controverso “carácter duplo” da predestinação.

É, sem dúvida, o aspecto que mais destoia com a nossa sensibilidade e que é mais difícil de aceitar para “cristãos esclarecidos” do século XXI.

Como sublinhei, não é a minha intenção defender (ou refutar) esta doutrina. Mas atrevo-me a pôr à nossa consideração o seguinte: tratando-se de um ensinamento que pretendia animar e consolar irmãos perseguidos pela sua forma de entender o evangelho, falar da rejeição daqueles que os perseguem é como que uma réstia de esperança na justiça de Deus, gritada na face dos perseguidores.

Este grito choca-nos como nos chocam as afirmações dos salmos que apelam à vingança de Deus.

Porém, imaginemos, por uns breves instantes, que não vivêssemos nas circunstâncias de considerável segurança e relativo bem-estar característicos da vida da maioria das pessoas em Portugal; coloquemo-nos, em vez disso, por uns instantes, ao lado dos que, neste momento, estão a tentar atravessar o Mediterrâneo em barcos sobrecarregados, à fuga da miséria e com a vaga e fútil esperança de um futuro melhor no Norte; coloquemo-nos ao lado dos refugiados perdidos nas “áreas especiais” dos aeroportos da Europa e da América do Norte; coloquemo-nos ao lado de uma mãe, de um pai, que não têm com que alimentar o seu filho - e

EVA MICHEL – Eleição e Predestinação: um diálogo com João Calvino

talvez (talvez!) este grito comece a formar-se também nos nossos lábios. Poderá, pelo menos, parecer-nos menos incompreensível...

Como disse, não é, de modo algum, a minha intenção defender a doutrina da (dupla) predestinação. Mas parece-me, sim, fundamental dar-mo-nos conta de que foi esta teologia de e para refugiados que se encontra nas raízes das igrejas que se inspiram em Calvino. E que é esta teologia elaborada na perspectiva dos perseguidos que incentiva muitas delas até hoje no seu empenho destemido em favor dos que sofrem nos nossos dias.

Repito: não com a intenção pretenciosa e especulativa de “saber mais sobre Deus do que o próprio Deus”, não com o propósito de assustar, menos ainda (nunca!) para justificar o poder de uns sobre os outros, mas, sim, com a única finalidade de louvar a Deus e com o intuito pastoral de superar as dúvidas e levar à confiança.

---

### *E hoje?*

---

Hoje, gostava de insistir, continua a ser importante (imprescindível mesmo!) conhecermos as nossas raízes como cristãos protestantes enraizados na tradição reformada /calvinista e contribuir com ela num diálogo ecuménico e interreligioso aberto e fraterno. Não se trata de, cegamente, repetir ou citar apenas o que outros formularem antes de nós, trata-se, sim, de entrar num diálogo construtivo com aqueles que nos antecederam e que nos marcaram (tenhamos disso consciência ou não) e com outros que, enraizados em outras tradições da fé, coabitam connosco este planeta e, como nós, procuram, não verdades eternas, rígidas, frias, mas, sim, a Verdade que alimenta e consola, ou seja, o Deus do Universo que, na tradição cristã, adoramos como Pai, Filho e Espírito Santo.

Um exemplo daquilo que pode resultar de um diálogo levado a cabo neste espírito, neste caso entre as igrejas reformadas e luteranas da Europa, é o Acordo entre as Igrejas da Reforma na Europa (Acordo de Leuenberg)<sup>5</sup>. No seu capítulo 3 (art. 24-25) lê-se, sobre o tema em questão:

---

<sup>5</sup> Igreja Evangélica Metodista Portuguesa e Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal (ed.) (1998). Acordo entre as Igrejas da Reforma na Europa (Acordo de Leuenberg). Porto/Lisboa: edição das duas igrejas.



## AS CONTINGÊNCIAS E AS INCIDÊNCIAS DO PENSAMENTO DE JOÃO CALVINO

*No Evangelho temos a promessa da aceitação incondicional do homem pecador por parte de Deus. Todo aquele que puser a sua confiança no Evangelho pode estar certo da sua salvação e, conseqüentemente, louvar a Deus por ter sido eleito. Por esta razão, podemos falar de eleição somente no que diz respeito à chamada à salvação em Cristo.*

*A fé sabe, pela experiência, que a mensagem da salvação não é aceita por todos; contudo ela diz respeito ao mistério da acção de Deus. Ao mesmo tempo dá testemunho da seriedade da decisão humana e da realidade de que Deus tem um desígnio universal de salvação. O testemunho que a Escritura dá de Cristo proíbe-nos supor que Deus tenha pronunciado um decreto eterno para a condenação final de determinados indivíduos ou de todo um povo.*



